

DOSSIÊ

FEMINISMOS AFRICANOS: CONEXÕES LOCAIS E GLOBAIS - APRESENTAÇÃO

AFRICAN FEMINISMS: LOCAL AND GLOBAL CONNECTIONS - PRESENTATION

Celebro o amor e a vida. Danço sobre a vida e a morte. Danço sobre a tristeza e a solidão. Piso para o fundo da terra todos os males que me torturaram. A dança liberta a mente das preocupações do momento. A dança é uma prece. Na dança celebro a vida enquanto aguardo a morte. Dançar. Dançar a derrota do meu adversário. Dançar na festa do meu aniversário. Dançar sobre a coragem do inimigo. Dançar no funeral do ente querido. Dançar à volta da fogueira na véspera do grande combate. Dançar é orar. Eu também quero dançar. A vida é uma grande dança (Paulina CHIZIANE, 2004, p. 16).

2

Paulina Chiziane¹ nos inspira a fazer do Dossiê “Feminismos Africanos: conexões locais e globais” um motivo de celebração de possibilidades de encontros e interlocuções entre Moçambique - África e Brasil - América Latina. Ele nasce fruto de uma coletividade e reúne um conjunto de contribuições para a circulação dos saberes que interagem na realidade local e global. O Dossiê soma-se a outras iniciativas² de trânsito entre os dois continentes e busca ser mais um espaço de troca entre os diferentes, mas nem tanto, contextos do Brasil e de África, pensando acerca dos feminismos africanos no plural, bem como seus conhecimentos, relações, referenciais, redes e possibilidades de alianças, lutas e resistências no campo social, acadêmico, cultural, ativista, político e econômico.

¹ Celebramos neste Dossiê o fato de que no mês de outubro a escritora moçambicana Paulina Chiziane foi vencedora do Prêmio Camões 2021, devido a importância que dedica nos seus livros aos problemas da mulher moçambicana e africana.

² Referimo-nos ao Programa Pró-Mobilidade envolvendo o trânsito de estudantes e docentes entre o continente Africano e o Brasil, programas de pesquisa variados, envolvendo igualmente pesquisa para o mestrado e doutorado, a participação no Fazendo Gênero 11 e 12, no 13º Congresso Mundos de Mulheres e a participação em variadas atividades científicas e seminários diversos.

Isabel Maria Casimiro

Professora da Universidade Eduardo Mondlane - Centro de Estudos Africanos (CEA). Email: isabelmaria.casimiro@gmail.com.

Vera Gasparetto

Pós-Doutoranda no PPGICH/UFSC, Área de Estudos de Gênero e Sexualidades, Bolsista PNPd/CAPES, Pesquisadora do LEGH/IEG/CEA-UEM. Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-3865-0549>. E-mail: gasparettovera@yahoo.com.br

Ezra Chambal Nhampoka

Professora da Universidade Eduardo Mondlane, na Faculdade de Letras e Ciências Sociais e pesquisadora na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal. E-mail: ezranyampoka@gmail.com

Em 2020 fomos convidadas pelas editoras da Revista *Ártemis* a organizar um dossiê em torno do Feminismo e Luta de Mulheres em Moçambique, onde mencionavam: “Temos pouca notícia e informação sobre isso, mas muito interesse”. Cabe ressaltar que seu interesse foi despertado pelos preparativos do 14º Congresso Mundos de Mulheres (MM 2022), que devido à pandemia da Covid-19 será realizado em setembro de 2022, em Maputo, Moçambique. A ativista e pesquisadora swazilandesa Patricia McFadden fez a abertura do MM em dezembro de 2019, em Maputo Moçambique, com uma fala visionária:

Estamos à beira de re-imaginar e recriar um mundo novo e diferente - um ideal que inventamos e reinventamos ao longo de muitos séculos de resistência e celebração como mulheres que amam nossas liberdades e a nós mesmas. As discussões, ideias, debates e sonhos nos quais participaremos nos próximos meses, enquanto nos preparamos para consolidar o encontro de mulheres de todos os cantos do nosso planeta, serão imaginadas, compartilhadas, contestadas, abraçadas e libertadas para ampliar uma vida - tornar o Congresso Mundos de Mulheres em uma plataforma comemorativa e de resistência - um trampolim para o nosso futuro. É um momento crucial na longa e dedicada jornada que tantas mulheres que vieram antes de nós criaram e construíram - passo a passo, tijolo por tijolo, uma vida de cada vez - muitas vezes ao custo dessas vidas (MCFADDEN, 2019, comunicação oral).

Não por acaso, as organizadoras do Dossiê estão diretamente implicadas na preparação do MM 2022³, constituindo a equipe que tratou da transição do evento e sua comissão organizadora, sendo a moçambicana Isabel Casimiro a coordenadora geral do evento, além de Vera Gasparetto (Brasil) e Ezra Nhampoca (Moçambique) integrantes da Comissão Científica. E os esforços que têm sido feitos são no sentido de continuar colocando ‘tijolo por tijolo’ para a continuidade da aproximação dos feminismos moçambicanos com o mundo global e, no caso desta publicação, com o Brasil.

É preciso dizer que esse trabalho somente foi possível com a dedicação das/os autoras/es dos artigos, a colaboração da equipe da *Ártemis*, a revisão fundamental das/os pareceristas, a arte de chamada, feita pelo estudante de design da UFSC Aiko Gasparetto e as revisões pelas estudantes de relações internacionais da UFSC, Débora Speck⁴ e Pâmela Martins.

Os textos retratam a partir de pesquisas nos campos da sociologia, da antropologia, da história, da literatura, da educação, da interdisciplinaridade, vidas de diferentes populações de mulheres e seus pertencimentos, marcados historicamente pela exclusão do sistema capitalista, patriarcal e racista. São pesquisas que no seu

³ Maiores informações no site: <https://mm2021.uem.mz>

⁴ Débora Speck é bolsista PIBIC do projeto “Do local ao global: feminismoS africanoS, redes de pesquisa e conexões transnacionais” (2019).

conjunto expressam compromissos intelectuais de questionamento às realidades, às questões históricas, econômicas, sociais, políticas, culturais, ideológicas, de língua(gens), conflitos e diferentes formas de violências, assim como a ausência e a luta pela responsabilização dos Estados em efetivar políticas públicas. Importa assinalar que os artigos abordam as variadas formas de resistência adotadas por pessoas diversas e construções de alternativas de vida.

Algumas intelectuais africanas fazem uma crítica ao modo como o conceito de gênero ingressou no continente (MCFADDEN, 2011 E 2106; MCCLINTOCK, 2010; OYÈWÙMÍ, 2021), marcado pela expansão Europeia, o estabelecimento da hegemonia cultural euro-americana e a imposição do modelo de desenvolvimento neoliberal em África (MATE, 2011; KABUNDA BADI, 2008). Essa hegemonia é ainda mais profunda na produção do conhecimento dito “universal” sobre o comportamento humano, história, sociedades, línguas e culturas: “os interesses, preocupações, predileções, neuroses, preconceitos, instituições sociais e categorias sociais de euro-americanos têm dominado a escrita da história humana” (OYÈWÙMÍ, 2004, p. 1), resultando no etnocentrismo e na racialização do conhecimento.

Dessa forma, os processos pós-independências, resultantes das lutas nacionais de libertação, não significaram uma descolonização. Persiste o neocolonialismo, o racismo epistêmico e o preconceito sobre a África, reforçada pelas tentativas de apagamentos de suas histórias e realidades, pela ignorância acerca das especificidades locais e regionais do continente, implicando em tolerância aos abusos de poder de Estados e de corporações sobre pessoas e territórios. Associado à globalização emerge o desafio de compreender as estruturas estatais e de poder, por onde circulam as diferenças de classe, étnico-culturais e de sexo/gênero que privilegiam os homens e implicam na violação dos direitos humanos das mulheres (CASIMIRO, 2014; LOFORTE, 2003).

Considerando que os artigos são de autoria de pessoas de países e/ou escolas diferentes, achamos ser prudente não se impor o seguimento de alguns aspectos de redação, como forma de respeitar e considerar as formas de se expressar e escrever das autoras e autores, por isso, os textos poderão apresentar alguns aspectos diferentes, sobretudo no que respeita à variedade linguística usada na redação dos mesmos, haja visto o respeito às formas de escrever e de pensar de cada pessoa, território, país. O Dossiê reúne treze artigos, que trazem as vozes da chamada periferia do sistema mundo, com pesquisas protagonizadas por mulheres e homens enquanto sujeitas e sujeitos, com diversas abordagens metodológicas e de conteúdo, marcados pela interdisciplinaridade (que é uma das marcas dos estudos de gênero e feministas), distribuídos em três blocos temáticos.

No primeiro bloco estão quatro artigos relativos a *Direitos Humanos das Mulheres em Moçambique*, com reflexões e narrativas sobre a luta e a resistência no campo da justiça, dos direitos e da construção e implementação da legislação, e suas contribuições na transformação das relações sociais. Os cinco textos sobre *Feminismos na literatura africana* estão no segundo bloco trazendo a força da literatura como elemento de denúncia das condições de vida que o colonialismo impôs, em particular às mulheres.

Por fim, os quatro artigos sobre *Feminismos outros* reúnem vozes que ecoam desde a África mediterrânea, do feminismo islâmico, de vozes da África do Sul, assim como do Brasil, com as vozes das mulheres afrodiáspóricas e amazônidas, marcando as resistências históricas, inspirando a busca de mais conhecimentos, contribuindo para o debate das questões étnico-raciais, o questionamento à branquitude, aos preconceitos e a necessidade urgente implementação da Lei 10.639/2003 no Brasil⁵.

Direitos Humanos das Mulheres em Moçambique

Corro para o meu espelho e desabafo. – Sonhei tanto com este momento, tudo se desmoronou, que faço agora, espelho meu? – Onde está o espírito de luta, amiga minha? Se falhou hoje, podes tentar outra vez! Obrigada, espelho meu. Perder a batalha não é perder a guerra. Amanhã será outro dia (CHIZIANE, 2004, p. 48).

No bloco dos *Direitos Humanos das Mulheres em Moçambique*, o primeiro artigo intitula-se “Gênero e Direitos Humanos: a violência doméstica em Moçambique”, de autoria de Maria Cecília Barreto Amorim Pilla (Doutora em História pela PUC/PR e Professora na Universidade Católica de Moçambique) e Jaime Castelo Pedro (Doutor em Humanidades pela UCM). O trabalho faz parte de uma ampla pesquisa que relaciona os crimes domésticos a penalidades criminais específicas, abordando a violência baseada em gênero com uma análise de dados estatísticos. O crime de violência doméstica está previsto em Lei, responsabilizando o Estado na sua contenção e combate.

Já o segundo artigo denomina-se “Violência doméstica em tempos de isolamento social: uma interpretação das estatísticas criminais”, de autoria de Joaquim Nhampoca (Doutor em Estudos de Saúde, docente na UEM), que aborda os impactos da pandemia da COVID-19, surgida no final de 2019, no aumento de casos de violência doméstica em 94,4%. O artigo analisa as estatísticas de casos de violência doméstica atendidos pelos Gabinetes de Atendimento à Família e Menores Vítimas de Violência, na cidade e província de Maputo (durante a pandemia e até junho de 2020), buscando compreender a incidência da violência doméstica e sua articulação com o isolamento e distanciamento social, motivada pelo contacto permanente entre a vítima e o agressor, tornando o lar um lugar de violência física, psicológica e sexual.

O artigo “Prática de Casamentos Coletivos como Salvaguarda dos Direitos da Mulher”, apresentado por Orlando Nipassa (Doutor em Estudos Africanos e Sociologia do Desenvolvimento, docente e investigador do Departamento de Sociologia/UEM) e Celestina Jeque (Mestre em Sociologia do Desenvolvimento/UEM), descreve o processo dos casamentos coletivos e analisa o seu significado para as mulheres abrangidas. À luz dos pressupostos teóricos da sociologia da liberdade, o artigo revela que, num

5 A Lei estabelece a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira dentro das disciplinas que já fazem parte das grades curriculares dos ensinos fundamental e médio. Foi ampliada pela Lei 11.645/2008 e ambas são instrumentos de luta contra o racismo no campo da educação.

contexto patriarcal onde os direitos das mulheres são desrespeitados, o projeto dos casamentos coletivos, ao apoiar o processo de oficialização das relações conjugais de casais vivendo em união de facto, contribui para a satisfação de mulheres provenientes de famílias com poucos recursos, amplia o seu capital social, sua segurança no lar e confere maior visibilidade à necessidade de intervenções públicas.

O último artigo desse bloco intitula-se “O campo dos estudos e a construção da igualdade de gênero em Moçambique: as contribuições de Ana Loforte e Isabel Casimiro”, de autoria de Vera Gasparetto (Pós- Doutoranda PPGICH/UFSC), Hélder Pires Amâncio (Doutor em Antropologia UFSC, professor na UEM e UNITIVA) e Hélio Maúngue (Doutorando em Sociologia UFSC, pesquisador do CEA/UEM), analisam as trajetórias das intelectuais moçambicanas Ana Loforte (antropóloga) e Isabel Casimiro (socióloga) e suas contribuições no âmbito epistêmico e político da constituição do campo, junto aos movimentos sociais e na construção de políticas públicas, a partir da história, temas, perspectivas teóricas, conexões e as contribuições dessas intelectuais para o campo dos estudos de gênero.

Feminismos na literatura africana

Pode a mulher africana falar?

A obra de Gayatri Spivak “*Can the Subaltern Speak?*” é reconhecida como texto fundador dos estudos feministas pós-coloniais em relação aos estudos subalternos. Spivak interroga neste texto a condição de subalternidade e seus efeitos perversos de invisibilidade e redução ao silêncio de quem a experimenta. Ela mostra como esta experiência de subalternidade é ainda mais acentuada nas mulheres dos grupos marginalizados e colonizados. “Se no contexto colonial o sujeito não tem história e não pode falar, o sujeito subalterno feminino está ainda mais profundamente na obscuridade” (SPIVAK, 2010, p. 67, *apud* NHAMPOCA e AVIZ, 2021, p. 117).

Este bloco traz reflexões e correlações entre a literatura e os Feminismos africanos, mostrando como é que, através da literatura, as mulheres manifestam-se e se indignam perante as múltiplas discriminações, sobretudo as de gênero, bem como mostrar como elas sofrem as suas consequências e como encontram alternativas de enfrentamento, e a voz delas, surge na literatura, contrariando o cânone patriarcal, machista e capitalista da mulher calada, invisibilizada e submissa, pois através da literatura, ela dizem: *sim! Pode a mulher africana falar!*

O primeiro artigo desse bloco é intitulado “Feminismos africanos: pelo direito de ser mulher em *Rabha*”, de autoria de Maiane Pires Tigre (Doutoranda em Letras, Linguagens e Representações/UESC) e Inara de Oliveira Rodrigues (Doutora pela PUC/RS, professora da Universidade Estadual de Santa Cruz). As autoras refletem a partir da obra *Rabha*, do moçambicano Lucílio Manjate, sobre a agência das

mulheres moçambicanas em *Rabha* (2017), a partir de uma perspectiva afrocentrada do pensamento, capaz de reconhecê-las como sujeitas da própria história, bem como de autonomar-se e auto definir-se enquanto (anti)heroínas da nação. A personagem título da obra contracenava com a prostituição, pobreza e uma galeria de opressões cruzadas, levando as autoras a articularem conceitos de alguns feminismos africanos e a variante Mulherismo Africana, para problematizar as distinções, aporias e alcance presentes nos inúmeros feminismos, em âmbito local, de cariz anticolonial e interseccional.

Segue-se com o artigo de Ezra Alberto Chambal Nhampoca (Doutora em Linguística/UFSC, professora na UEM, Moçambique e pesquisadora na Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, Portugal) e Roselete Fagundes de Aviz (Professora no Centro de Educação/UFSC), sobre “A voz narrativa de Lília Momplé: um marco de referência no feminismo moçambicano”, onde refletem acerca do cânone da literatura moçambicana, constituído majoritariamente por homens, o que significa que a representação dominante da mulher moçambicana é uma construção masculina. O artigo tem como objetivo situar os feminismos em Moçambique para, assim, mostrar como a escrita de Lília Momplé constitui-se como uma voz poderosa ao expor a invisibilidade, a marginalização e o silenciamento impostos às mulheres moçambicanas, tanto pelas culturas ocidental e moçambicana, bem como por escritores moçambicanos.

As obras da escritora e feminista nigeriana, Chimamanda Ngozi Adichie, estimulam os três artigos que seguem. Cristina M. Silva (Doutora em Ciências Sociais pela Universidade Estadual de Campinas, Professora na Universidade Federal do Ceará) traz o trabalho “Um Mundo Narrado entre o local e o global: Biografia, Guerra e Memória na ficção de Chimamanda Adichie”, onde se discutem possibilidades de leitura e compreensão dos mundos narrados nas obras *Meio Sol Amarelo* e *Americanah*. A autora mostra que um mundo narrado é feito pela costura num tecido de inúmeras linhas vitais, pessoas e coisas não tanto existem como acontecem e são identificadas pelos próprios caminhos (trajetórias, histórias e vivências) de onde vieram ou para onde estão indo, como as origens geográficas, sociais e culturais.

Na sequência, o artigo *The Thing Around Your Marriage*: uma análise da mulher negra e imigrante em dois contos de Chimamanda Ngozi Adichie, das autoras Laura Cristina de Souza Zanetti (Mestranda/UFSC) e Érica Fernandes Alves (Doutora pela Universidade Estadual de Maringá) tem suas fontes em pesquisa de natureza qualitativa e bibliográfica, analisando a identidade de duas mulheres imigrantes que protagonizam os contos *The Thing Around Your Neck* e *The Arrangers of Marriage*. Traz discussões sobre aspectos como, estudos pós-coloniais, feminismo negro, diásporas, entre outros. A pesquisa proporciona visibilidade às personagens femininas e negras, além de contribuir para os estudos pós-coloniais e coadjuvar no ensino de literatura pós-colonial no Brasil.

Encerra-se o bloco com o trabalho “Representações da mulher negra objetificada e hipersexualizada em narrativas de Chimamanda Adichie”, de Luana Caetano Thibes (Doutoranda em Letras pela Universidade Estadual de Santa Cruz/Universidade

Estadual do Sudoeste da Bahia) e Isaías Francisco de Carvalho (Universidade Estadual de Santa Cruz). A autora e o autor baseiam-se nos romances *Meio sol amarelo* (2008) e *Americanah* (2014), bem como nos contos “Jumping Monkey Hill” (2017) e “No seu pescoço” (2017), para analisar as situações em que as personagens femininas, em posições subalternizadas, são vistas como menos que seres humanos e colocadas em condição de objetificação e da hipersexualização. O conjunto da obra adichieana revela a pertinência da literatura como veículo de militâncias política, social, sexual e cultural.

Feminismos outros

O bloco acerca dos *Feminismos outros* reúne quatro artigos aparentemente distintos entre si, mas que têm em comum a escuta de outras vozes, de mulheres fora do cânone do feminismo, trazendo o contexto brasileiro (mulheres amazônidas), egípcio, árabe e sul-africano e suas resistências em todos esses contextos:

Assim, Elzahrã Mohamed Radwan Omar Osman (Doutoranda em Filosofia pela Universidade de Brasília) e Hilan Bensusan (Professor de Filosofia na Universidade de Brasília) apresentam o artigo “Escrevivência: incursões biográficas e acadêmicas ao feminismo islâmico”, reunindo o conceito de escrevivência de Conceição Evaristo, à produção teórica de feministas negras e chicanas buscando traçar uma justificativa para a produção teórica e experiências de vida, perpassada pelas diferentes interseccionalidades inscritas nos corpos situados das mulheres e uma discussão com temas, teóricas, discursos do feminismo islâmico e narrativas sobre feminismos decoloniais.

O trabalho “Relações de poder e questões de gênero no continente africano: um estudo de caso” foi escrito por Renata Feital, doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Rio de Janeiro, e por Núbia Aguilar, doutoranda em História Social/USP. Trazem ainda a atuação da sul-africana Miriam Makeba, que com sua arte confrontou narrativas coloniais, além de desafiar a análise sobre agências de sujeitos africanos frente às situações de opressão, bem como a importância da representação para criar narrativas e estruturar espaços de poder. Elas analisam como as esferas políticas, econômicas e ideológicas foram orquestradas para atender o projeto colonial no continente africano, incluindo as representações das mulheres, retratadas como objetos, e ao mesmo tempo suas resistências.

“Um olhar diaspórico sobre a experiência das feministas negras africanas: em busca de encontros e empoderamento” é o artigo trazido por Valdenice José Raimundo (Pós-doutora em Serviço Social/UFPE, professora do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião e da graduação em Serviço Social/UFPE), relacionando o conhecimento e a experiência das feministas negras africanas com as feministas negras brasileiras, identificando aproximações e novos aprendizados. Utiliza-se da categoria de afrocentricidade, trazendo a experiência dos povos africanos e dos (as)

negros (as) na diáspora e alertando para os perigos de um pensamento único. O estudo une-se a outros que resgatam e recontam a história da África buscando o reconhecimento dos saberes e epistemologias africanas para um olhar novo sobre a história do Brasil e o empoderamento das mulheres negras brasileiras.

O último artigo desse bloco, e do Dossiê, chama-se “Mulheres negras amazônidas: histórias contadas por outros olhares”, escrito por Maria das Dores do Rosário Almeida (Mestra em Desenvolvimento Sustentável junto aos Povos e Terras Tradicionais pela Universidade de Brasília), Piedade Lino Videira (Doutora em Educação Brasileira pela Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará) e Elivaldo Serrão Custódio (Doutor em Teologia pela Faculdades EST, Pós-doutor em Educação pela Universidade Federal do Amapá). O texto traz à luz trajetórias de vida de mulheres negras amazônidas, acolhidas pela Amazônia e que ali decidiram plantar as raízes de suas lutas, independentemente de serem ou não ali nascidas ali. Mulheres negras que no dia a dia vão construindo, ressignificando e interseccionando conhecimentos, saberes, fazeres, experiências e vivências, invisibilizadas na historiografia e epistemologia brasileira e nortista.

É com muita honra, alegria e dedicação que reunimos esses 13 artigos, frutos de pesquisas singulares, de também espaços singulares e de um trabalho dedicado de síntese e adequação aos protocolos acadêmicos que responsabilizam, validam e reconhecem a cientificidade das pesquisas na área dos estudos de gênero e feministas, tão necessária nesses tempos árduos, que demandam cada vez mais o repensar das relações sociais, subjetivas e intersubjetivas.

Agradecemos imensamente a oportunidade de liderar esse Dossiê, bem como a confiança que nos foi depositada pelas editoras e pelas/os autoras/es. Khanimanbu!

Referências

CASIMIRO, Isabel. Paz na Terra, Guerra em Casa - Feminismo e organizações de mulheres em Moçambique. Série Brasil & África Coleção Pesquisas 1, Pernambuco, Editora da UFPE: 2014.

CHIZIANE, Paulina. Niketche: uma história de poligamia. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GASPARETTO, Vera. Corredor de saberes: *vavasati vatinhenha* (mulheres heroínas) e redes de mulheres e feministas em Moçambique. 2019. 462 f. Tese (Doutorado) - Curso de PPGICH, CFH, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/193918>. Acesso em: 03 set. 2020.

GASPARETTO, Vera. Do local ao global: feminismoS africanoS, redes de pesquisa e conexões transnacionais. Projeto de Pesquisa a Programa Nacional de Pós Doutorado

– PNPd/CAPES do Programa Interdisciplinar de Ciências Humanas (PPGICH), Área de Estudos de Gênero e Sexualidades (EGES), UFSC, 2019.

KABUNDA BADI, Mbuyi. *África en la globalización neoliberal: las alternativas africanas*. Revista Theomai, N. 17, 2008.

LOFORTE, Ana. *Gênero e Poder – Entre os Tsonga de Moçambique*. Lisboa, Ela por Ela, 2003.

MATE, Rekopantswe. *Feminist Responses to the Neoliberal Global Economic Order*. BUWA! – A Journal on African Women’s Experiences, jul. 2011. Disponível em: <http://www.osisa.org/buwa/womens-rights/regional/feminist-responsesneoliberal-global-economic-order>. Acesso: 14 ago. 2021.

MCCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial – Raça, Gênero e Sexualidade no embate colonial*. Campinas – SP: Editora da Unicamp, 2010.

MCFADDEN, Patricia. *African Feminism/s: constructing alternatives for women and the world through knowledge generation that cares and resists*. Women’s World Conference launch Maputo, December 2019. Disponível em: http://mm2020.uem.mz/wp-content/uploads/2019/12/P_McFenn.pdf. Acesso: 22 out. 2022.

MCFADDEN, Patricia. *Contemporary African Feminism: Conceptual Challenges and Transformational Prospects*. Open Society Initiative for Southern Africa, Jul. 2011, p. 11-17. Disponível em: <http://www.osisa.org/buwa/womens-rights/regional/contemporaryafrican-feminism-conceptual-challenges-and-transformational>. Acesso: 10 jun. 2017.

MCFADDEN, Patricia. *Tornamo-nos feministas africanas contemporâneas: histórias femininas, legados e os novos imperativos*. Série Diálogo Feminista, FES e Fórum Mulher, nov. 2016.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. *A invenção das mulheres - construindo um sentido africano para os discursos*. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

OYĒWÙMÍ, Oyèrónké. *Conceptualizing gender: the eurocentric foundations of feminist concepts and the Challenge of African Epistemologies*. CODESRIA Gender Series. Volume 1, Dakar, 2004. Disponível em <https://www.codesria.org/IMG/pdf/OYEWUMI.pdf>. Acesso em 22 out. 2021.